CARTOGRAFIA POETICA: LUGARES DA CIDADE NA POESIA DE GREGÓRIO DE MATOS

Silvia La Regina

Muitos poetas brasileiros da assim dita fase colonial dedicaram suas obras, numa vertente que poderíamos chamar de protonativista ou proto-ufanista, à exaltação da natureza local: um dos principais exemplos disso é Manoel Botelho de Oliveira, que em sua *Ilha de Maré* derrama versos sobre as virtudes, as belezas e as vantagens inigualáveis da ilha baiana:

> Tenho explicado as fruitas e legumes,
> que dão a Portugal muitos ciúmes;
> tenho recopilado
> o que o Brasil contém para invejado,
> e para preferir a toda a terra,
> em si perfeitos quatro AA encerra.
> Tem o primeiro A, nos arvoredos
> sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
> tem o segundo A, nos ares puros
> na tempérie agradáveis e seguros;
> tem o terceiro A, nas águas frias,
> que refrescam o peito, e são sadias;
> o quarto A, no açúcar deleitoso,
> que é do Mundo o regalo mais mimoso.
> São pois os quatro AA por singulares
> Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares. (275-290)

> Esta Ilha de Maré, ou de alegria,
> que é termo da Bahia,
> tem quase tudo quanto o Brasil todo,
> que de todo o Brasil é breve apodo;
> e se algum-tempo Citeréia a achara,
> por esta sua Chipre desprezara,

porém tem com Maria verdadeira
outra Vênus melhor por padroeira (317-324)[1]

A exaltação da natureza, a constatação quase que maravilhada de sua superioridade perante a da Europa – ainda que numa classificação e numa ordem simbólica que perpetuam a manutenção do universo europeu – enfim um certo deslumbramento com as grandezas do Novo Mundo Lusitano nascem com a *Carta* de Pero Vaz de Caminha (1500) e recorrem nos textos tanto, como dizia antes, dos primeiros poetas, quanto dos cronistas. Veja-se por exemplo o texto de Brandão, o *Diálogo das grandezas do Brasil* (1618), onde Brandônio diz

> São tão grandes as riquezas deste novo mundo e da mesma maneira sua fertilidade e abundância, que não sei por qual das cousas comece primeiramente; mas, pois todas elas são de muita consideração, farei uma salada na melhor forma que souber, para que fiquem claras e deêm gosto. Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis cousas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercância, a terceira ao pau a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimentos, a sexta e última a criação de gados. De todas estas cousas o principal nervo e substância da riqueza da terra é a lavoura dos açúcares[2].

(e aliás note-se que "fertilidade e abundância" recorrem, quase como um *epitheton ornans*, numerosas vezes no texto).

Curiosamente, ou talvez nem tanto, esta faceta por assim dizer bucólica é quase que completamente ausente da obra daquele que é justamente considerado o maior poeta barroco brasileiro e possivelmente da lingua portuguesa, Gregório de Mattos (1636-1695). De fato, se Gregório em alguns casos descreve a natureza, locais, praias, seu interesse, como veremos adiante, é sempre focado nas pessoas que gozam desta natureza, destes locais, e nunca na natureza em si; nisto ele não

---

[1] M. Botelho de OLIVEIRA, "À Ilha de Maré" *Poesia Barroca*, org. por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos, 1967. In http://cultvox.locaweb.com.br/livros_-gratis/mare.pdf

[2] A. Fernandes BRANDÃO, *Diálogos das Grandezas do Brasil*. Salvador : Progresso, 1956. Diálogo terceiro. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro www.bibvirt.futuro.usp.br.

se diferencia de seus contemporâneos, para os quais a natureza tem valor e importância enquanto útil e rentável para o ser humano, especificamente o homem português, mas mesmo nesta perspectiva não são muitos os casos em que o poeta abandona o meio urbano. Sobre a ilha de Itaparica, por exemplo, num soneto que pode ser um interessante contraponto à silva de Botelho, Gregório escreve:

Ilha de Itaparica, alvas areias,
Alegres praias, frescas, deleitosas,
Ricos polvos, lagostas deliciosas,
Farta de putas, rica de baleias.

As putas tais, ou quais não são más preias,
pícaras, ledas, brandas, carinhosas,
para o jantar as carnes saborosas,
o pescado excelente para as ceias.

O melão de ouro, a fresca melancia,
que vem no tempo, em que aos mortais abrasa
o sol inquisidor de tanto oiteiro.

A costa, que o imita na ardentia,
e sobretudo a rica, e nobre casa
do nosso capitão Luís Carneiro[3].

Na edição da Academia de Letras, que foi publicada entre 1923 e 1933, *putas* foi pudicamente substituído por *ninfas*.

Alheio à natureza, Gregório, como escreveu Segismundo Spina em um texto pioneiro sobre o poeta, em 1946, foi “o tipo do poeta citadino por excelência [...]: a grandeza regional não conseguiu arrancar de sua pena um canto de exaltação”[4].

Gregório é o único poeta brasileiro de sua época do qual exista uma biografia, ainda que muito romanceada, composta algumas décadas após sua morte e escrita por Manuel Pereira Rabelo por volta de 1750.

---

[3] G.de MATOS, *Obra poética*, 2 vols, ed. James Amado, 2ª. ed., Rio de Janeiro, Record, 1990, II, p.1120.

[4] S.SPINA. *Gregório de Mattos*, São Paulo, Assunção, 1946, p.70. Existe uma segunda edição, prefaciada por Haroldo de Campos: *A poesia de Gregório de Matos*, São Paulo, Edusp, 1995.

Nela, Rabelo deixa claro que Gregório nasceu de uma família rica e da que hoje chamaríamos de *high society*:

> Nasceu na Bahia de todos os Santos, Capital Cidade do Estado do Brasil ao cruzeiro de S.Francisco, da parte do Norte em casas, cuja figurada cornija de medalhas Imperiais ainda hoje as distingue caprichosamente nobres. Os Pais que o deram à luz [...] foram Pedro Gonçalves de Mattos, Fidalgo da Serie dos Escudeiros em Ponte de Lima, natural dos Arcos de Valdevez; e Maria da Guerra, matrona geralmente conhecida de respeito em toda a Cidade; cujas prendas intelectuaes amassaram uma trindade de talentos capaz de resplandecer no coração da mesma Roma. A quinze do dito mês recebeu a graça baptismal [...] na Catedral. [...] Eram estes [os pais] de tal maneira ricos, que possuiam, com outras fazendas, um soberbo canavial na Patatiba fabricado com perto de cento, e trinta escravos de serviço, que repartia a safra por dois engenhos: cujo rendimento supria largamente os gastos de um liberal tratamento, e caridade com os pobres[5].

Aqui é evidenciado um fenômeno próprio da época barroca, pelo qual os ricos moram na cidade, apesar de seus bens provirem do campo, do engenho de açúcar como no caso da família Mattos.

Gregório estudou direito em Coimbra; morou em Portugal por quase trinta anos e casou com a filha de um desembargador; foi juiz e voltou à Bahia por causas não bem esclarecidas. Voltou ao Brasil por volta de 1682, exerceu alguns cargos, aparentemente foi desterrado para Angola – não temos nenhum documento que ateste o fato[6] – e morreu no Recife[7]. Apesar das fazendas, portanto, sua carreira foi toda urbana, construída na administração pública ou religiosa – foi tesoureiro mor da sé – e, ao menos no Brasil, vivida prevalentemente na capital, numa trajetória que acompanha as características principais da era barroca, na qual, como escreveu Maravall, a importância das cidades cresce exponencialmente, sobretudo a das capitais, mas ao mesmo tempo as cidades perdem sua livre iniciativa para se tornarem centros

---

[5] Cito do códice inédito MC, de 1775, atualizando a grafia (p.VII-VIII).

[6] Aliás, suponho que ele nunca tenha sido desterrado: cf. S. LA REGINA,“Manuel Pereira Rabelo, autor de *A vida do Doutor Gregório de Mattos*: um fantasma da literatura brasileira”. *Estudos Linguisticos e Literários* 33-34, jan-dez 2006, pp.169-198.

[7] A maioria das informações sobre a biografia de Matos pode ser encontrada em F.da Rocha PERES, *Gregório de Mattos, o poeta devorador*, Rio de Janeiro, Manati, 2004; remeto a este autor para os dados biográfico citados, a não ser quando especificado.

administrativos governados pelo estado[8]. No Brasil, porém, as cidades já nasceram com esta feição, e ao mesmo tempo se caracterizaram por conterem em si, e aliás serem, o símbolo da cultura européia na sociedade colonial, numa contraposição civilização–natureza na qual a valorização é toda do primeiro termo e a natureza ainda deve ser dominada – falta, por exemplo, a idéia de jardim, tão presente na Europa, porque o espaço da cidade é o espaço fechado, de casarios e pedra, da cultura contraposta à natureza que, apesar de farta e generosa, é sentida como estranha e perigosa, e por isso precisa ser descrita, logo dominada, de forma tão detalhada[9].

Voltando ao poeta, vimos portanto as fases principais de sua carreira profissional; é preciso remarcar como todos os documentos que existem sobre Gregório só focalizem sua carreira jurídica, e na verdade nada ateste sua produção poética: os documentos referem-se a etapas de sua vida profissional (formatura, nomeação para o cargo de juiz) ou pessoal (nascimento, casamento), que parecem completamente desvinculadas da atividade poética. Sabemos que Gregório escreveu poemas porque existem numerosos manuscritos que preservaram sua produção e existe a *Vida* redigida por Manuel Pereira Rabelo, mas a única ligação entre os dois Gregórios – o jurista e o poeta – é estabelecida justamente por Rabelo. Considera-se, aliás, que parte da extensa produção poética dita de Gregório possa não ser dele, e só terlhe sido atribuída sucessivamente à sua morte, confusão que foi favorecida pelo fato dos poemas de Gregório, ou a ele atribuídos, não terem sido publicados (nem no Brasil, porque não havia imprensa, nem em Portugal, possivelmente por problemas de censura) até a primeira metade do século XIX[10], e terem circulado manuscritos, em cópias apógrafas, sem controle nem critério. Quero dizer, portanto, que quando, a seguir, me referir a poemas gregorianos, eles podem efetivamente ser do nosso poeta, mas podem também ter sido escritos por algum poeta contemporâneo, como Bernardo Vieira Ravasco ou

[8] J.A. MARAVALL, *La cultura del barocco*, Bologna, Il Mulino, 1999, p.157.

[9] J. TEODORO, *América barroca*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, p.66.

[10] Cf. LA REGINA, “Fortuna crítica gregoriana”, in Peres, La Regina, *Um códice setecentista inédito de Gregório de Mattos*, Salvador, Edufba, 2000, p.27-32.

Tomás Pinto Brandão (este português, mas que residiu no Brasil)[11] dada a homogeneidade do estilo e do gosto da época e a intensa circulação, ou circularidade, de temas, modos e materiais poéticos aqui e na Península Ibérica.

Sabe-se que na extensa produção gregoriana há lugar para poemas líricos, religiosos, encomiásticos e satíricos, apesar de estes últimos serem os mais conhecidos; além destes, há os que Afrânio Peixoto, em sua edição da obra gregoriana, chamou de "graciosos", que seriam pequenos relatos da vida cotidiana na cidade e nos arredores, festas, procissões, caçadas, jantares, numa modalidade que levou Spina a definir Gregório como "o primeiro jornal que circulou na colônia"[12]. No que diz respeito ao olhar de Gregório sobre a cidade, tanto os poemas líricos como os religiosos não nos interessam, porque são os mais ligados à tradição culta, normalmente redigidos na forma do soneto, ecoando por vezes ensurdecedoramente Góngora, mas também Camões, o *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, Bernardo Tasso, a portuguesa Violante do Céu[13], num estilo que às vezes os torna muito parecidos com os dos autores contemporâneos publicados sucessivamente nas antologias da *Fênix Renascida* e do *Postilhão de Apolo*. Os poemas encomiásticos também retomam modos e temas tradicionais, e, devotados à exaltação de figuras públicas como bispos, capitães, princesas e governadores (estes eventualmente, após sua saída do cargo, também satirizados), concentram-se unicamente nas abnormais qualidades pessoais dos louvados.

Já os poemas satíricos dividem-se basicamente em três vertentes principais: sátiras políticas, *grosso modo*, sátiras pessoais – contra desafetos de Gregório, categoria que freqüentemente se imbrica na primeira – e sátiras eróticas. Estes últimos poemas foram definidos

---

[11] Sobre Tomás Pinto Brandão, cf. PERES, "O Pinto novamente renascido", *Universitas*, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia, n.8/9, janeiro/agosto 1971, p.215-249 e "De novo o Pinto Renascido", *Universitas*, Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. n.30, maio/agosto 1982, p.49-58; LA REGINA, "Manuel Pereira Rabelo, autor de *A vida do Doutor Gregório de Mattos*", *cit*., p.189-194.

[12] SPINA, "Monografia do Marinícolas", *Revista Brasileira*, Rio, Academia Brasileira de Letras, VI, 17, 1946, p.89-99: p.95.

[13] Além do mais, há no corpus sonetos e outros poemas atribuídos pelos copistas a Gregório, mas que são comprovadamente de outros autores: cf. V.M. Pires de Aguiar e SILVA, *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra, 1971, p.105-108.

"pornográficos" por Afrânio Peixoto e excluídos de sua edição da Academia, sendo publicados somente em 1969, na edição de James Amado. Realmente nas três categorias, dificilmente separáveis de forma nítida, o emprego de palavrões, gíria, referência a atos sexuais, à sodomia, à genitália, aos excrementos é amplo e surpreenderia, se não lembrássemos das cantigas de escárnio e maldizer, para ficarmos em âmbito ibérico[14]. As sátiras políticas condenam a decadência da cidade e a corrupção – mais moral do que administrativa – de governadores e poderosos, de preferência afastados do cargo. De todas, a mais famosa é o soneto "À cidade da Bahia", musicado por Caetano Veloso em 1972:

À CIDADE DA BAHIA

Triste Bahia! ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.

A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente,
Pelas drogas inúteis, que abelhuda,
Simples aceitas do sagaz Brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente,
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote[15].

---

[14] Cf. por exemplo uma cantiga de Pero da Ponte, séc XIII: "Eu digo mal, com'ome fadimalho, / quanto mays posso d'aquestes fodidos, / e trob'a eles e a seus maridos. / E hum deles me pôs num gram espanto: /topou comig[u]' e sobraçou o manto, / e quis en mi achantar o caralho. // Ando-lhes fazendo cobras e sões / quanto mays poss', e and'escarnecendo / d'aquestes putos, que ss'andan fodendo; / e hun d'eles de noit[e] aseitou-me / e quis-me dar do caralh[o]: erou-me / e lançou depos min os [seus] colhões!" (Pero da PONTE, *Poesie*, a cura di S.Panunzio, Bari, Adriatica 1967, p.154-157).

[15] MATOS, *cit.*, I, p.333; Caetano VELOSO, "Triste Bahia", *Araçá Azul*, 1972. Permito-me remeter à minha tradução para o italiano do soneto, publicada em *A Tarde Cultural*, 12.8.1995, p.6.

Revolta, portanto, contra a decadência econômica da cidade – consequentemente dele, que era senhor de engenho – e a decisão de permitir o acesso ao porto aos estrangeiros, entre os quais os ingleses (*brichote*, possivelmente de *british*). Gregório fora ativo na representação dos interesses da Bahia em Lisboa: em 1672 foi eleito pela Câmara dos Vereadores de Salvador *Procurador da Cidade do Salvador* e, entre outras coisas, ocupando este incárico tentou, em vão, convencer Dom Pedro II da necessidade de instituir uma universidade em Salvador. Quanto à triste Bahia, resta dizer que este soneto, soberbamente analisado por Alfredo Bosi em seu *Dialética da colonização*[16], institui um paralelismo entre o poeta e a cidade: ambos, de ricos que eram, se endividaram; a crise econômica, quando a concorrência das Antilhas derrubou o preço do açúcar, a dependência cada vez maior de Portugal perante a Inglaterra, a ascensão da classe dos comerciantes reinóis minando o poder dos pequenos nobres luso-baianos, tudo concorria para a decadência da cidade, outrora rica, agora pobre. Gregório aqui representa propriamente a revolta não do nacionalista ou nativista perante o estrangeiro, o que seria fortemente anacrônico, mas, de forma bem mais arcáica, da nobreza perante a mercancia: o antigo contra o novo, o fidalgo contra o vilão, o nobre contra o ignóbil. O mesmo no poema

> Senhora Dona Bahia,
> nobre, e opulenta cidade,
> madrasta dos naturais,
> e dos Estrangeiros madre [...][17]

com uma lembrança de Camões, lá onde ele escreveu, numa carta redigida da Índia, que a “terra” “é mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados”[18].

A cidade, e a ordem social, que Gregório defende é a cidade antiga, a cidade que representa a ordem ao mesmo tempo natural e divina, do

---

[16] A. Bosi, “Do antigo estado à máquina mercante” *Dialética da colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p.96-118.

[17] Matos, *cit.*, I, p.334.

[18] L. de Camões, “Carta da Índia”, in *Versos e alguma prosa*, pref. e sel. de E. de Andrade, Lisboa, Moraes, 1977, p.152-155: p.153.

corpo e do estado, em que todas as partes harmoniosamente se integram e obedecem a uma ordem hierárquica inquestionável e imutável. Veja-se este outro soneto, igualmente muito conhecido:

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um freqüentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia[19].

Aqui encontramos por um lado a recriminação devida às mudanças – a subversão da hierarquia e da ordem social, sentida como divina e logo a única possível – e pelo outro um retrato concreto da vida da cidade colonial, onde as casas eram realmente muito próximas, as ruas estreitas, não havia intimidade e a prática da delação era incentivada pela presença, ainda que não constante, da inquisição.

Como contraponto, novamente, e desta vez alfabético, à lírica exaltação de Botelho, na qual pairam leves e aéreos os 4 As da Ilha de Maré (arvoredos, ares, águas e açúcar), temos o seguinte texto de mote e glosa:

A Cidade da Bahia
Mote.

De dous ff se compoem
esta cidade a meo ver,
hum furtar, outro foder.

---

[19] MATOS, *cit.*, I, p.33.

Glosa.

Recopilouse o Direito,
e quem o recopilou
com dous ff o explicou,
por estar feito, e bem feito:
por bem digesto, e colheito,
só com dous ff o expoem:
e assim quem os olhos poem
nos vicios, que aqui se encerra,
hade dizer, que esta Terra
de dous ff se compoem.

Mas se de ff dous composta
està a nossa Bahia,
errada a Orthografia,
a grande damno està posta:
eu quero fazer aposta,
que isto a ha de perverter,
e quero hum tostam perder,
se o furtar, e foder bem
nam sam os ff, que tem
esta Cidade a meo ver.

Provo a conjectura jà
promptamente, como hum brinco:
Bahia tem letras cinco,
que sam B A H I A:
Logo ninguem me dirá,
que dous ff chega a ter;
pois nem hum contem sequer:
salvo se em boa verdade
sam os ff da Cidade
hum furtar, outro foder[20].

Como dito antes, porém, esta sátira de Gregório é moralista: aliás frequentemente, e sempre em sua origem clássica, a sátira, que surge do conflito com o tempo presente, demonstra-se conservadora em relação a ele, deplorando a perda de valores, a conseqüente imoralidade, a vulgaridade dos costumes e, não raramente, a subversão, entre outras

[20] Transcrevo de PERES, LA REGINA, *Um códice setecentista, cit*, p.165-167.

coisas, das classes sociais. Devemos também lembrar que muitas das acusações e lamentações de Gregório, ainda que fruto de uma situação real, são convencionais, construídas de forma rigidamente retórica, com ampla utilização dos *topoi* do gênero e com a forte intervenção dos modelos, se não clássicos, ibéricos, principalmente de Quevedo: o próprio soneto "Triste Bahia", por exemplo, é imitação, no sentido retórico, de um soneto do português Francisco Rodrigues Lobo, que começa com "Formoso Tejo meu, quão diferente"[21], e assim por diante. A cidade retratada, portanto, mesmo sendo a da Bahia, freqüentemente poderia ser quase qualquer outra da época. O que acontece algumas vezes, como no caso dos poemas líricos, é que no texto não há referências que possam situar espacial e cronologicamente o poema; estas aparecem no título, ou didascália, que, porém, normalmente não é do autor, mas foi acrescentado pelo copista do manuscrito. Um exemplo, pensando na lírica, é o conhecido soneto "Discreta, e formosíssima Maria"[22], que é primorosa tradução e recriação de dois famosos sonetos de Góngora (Ilustre y hermosissima María / Mientras por competir con tu cabello[23], exercício poético, portanto, longínquo de qualquer circunstância real; o copista, porém, colocou como título "A Maria de Povos sua futura Esposa", tornando a Maria convencional do soneto, que já existira em Góngora e em Bernardo Tasso, uma mulher real. Sobre este soneto, lembramos que "[GM] (...) compreendeu tão bem a matriz aberta do barroco, que soube recombinar ludicamente em nossa língua, num soneto autônomo - verdadeiro vértice de um sutil "diálogo textual" – versos-membros de diferentes sonetos do poeta cordovês"[24].

A verdadeira cidade, pelo que é permitido pela roupagem literária, aparece nos poemas que retratam os pequenos acontecimentos da colônia, descrita nos detalhes do dia a dia e principalmente naquela riqueza de festas e celebrações que é uma das maiores características do barroco; Maravall escreveu que "na sociedade barroca, principalmente

---

[21] J.C. Teixeira GOMES, *Gregório de Matos, o Boca de Brasa, um estudo de plágio e criação intertextual*, Petrópolis, Vozes, 1985.

[22] MATOS, *cit.*, I, p.507.

[23] L. de GÓNGORA, *Sonetos completos*, ed. B. Ciplijauskaité, Madrid, Castalia, 1985, p.230-231.

[24] H. de CAMPOS, "Texto e história", in *A operação do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 13-22; p.16.

na espanhola [e lembremos aqui que Portugal e suas colônias estiveram sob a coroa espanhola de 1580 a 1640] as festas e as celebrações ameaçaram prejudicar as mais urgentes e imprescindíveis obrigações públicas"[25]. Nestas festas o que importava eram a riqueza e a ostentação, e por isso as procissões adquiriram tamanha importância: manifestações de massa nas quais era possível ostentar grandeza e riqueza. A festa barroca é o reino da ilusão, e qualquer oportunidade é boa para organizar celebrações destinadas a maravilhar e seduzir o povo. A cidade retratada por Gregório, portanto, é uma cidade que através de festas, procissões, sobretudo o teatro, tudo o que dava relevo e ênfase ao código visual[26], tenta se esquecer, qual que seja a classe social:

> Grande comédia fizeram
> os devotos do Amparo
> em cujo lustre reparo,
> que as mais festas excederam: [...]

e noutro

> No grande dia do Amparo
> estando as mulatas todas
> entre festas, e entre bodas,
> um caso sucedeu raro [...]

e ainda

> As comédias se acabaram
> a meu pesar, e desgosto,
> pois para ter, e dar gosto,
> tomara eu, que começaram [...][27]

Lembremos a espetacularização do mundo na época barroca, na qual assistimos à falta de limites entre cena e público, numa (con)fusão de papéis que dá lugar ao um *theatrum mundi*[28].

---

[25] MARAVALL p.395

[26] Cf. S.P. ROUANET, "O barroco ontem e hoje", 14 páginas, in: *Psicanálise e Barroco em Revista*. Ano 01, n. 02. www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista02.html, pags.3-4.

[27] Respectivamente in MATOS, *cit*., I, p.474, p.476, e p.472.

[28] Sobre o teatro barroco cf. MARAVALL, *Teatro e letteratura nella Spagna barocca*, Bologna, Il Mulino, 1995; ROUANET, *cit*; F. ANGELINI, Il teatro barocco, Bari, Laterza, 1975,

Ao som de uma guitarrilha,
que tocava um colomim,
vi bailar na água Brusca
as Mulatas do Brasil:
que bem bailam as mulatas,
que bem bailam o paturi! [...][29]

Música, dança, mulatas: Gregório construía um certo estereótipo que ainda hoje vigora. E ainda assim, é impossível não observar como o ritmo do poema, as imagens que rápidas como num vídeo clip passam na nossa frente, a sensação de quase sentir o vento leve causado pela dança, recriem com poucos toques essenciais o mundo da colonia, sua carnalidade, sua cruel vitalidade.

Clori, nas festas passadas
que às virgens são prometidas
houve quadrilhas corridas
parentas de envergonhadas [...]

e noutro

Foi das Onze mil Donzelas
Juiz o juiz mais nobre
de quantos o Brasil cobre
o manto azul das estrelas [...][30]

neste mesmo texto encontramos os versos "e pois coronista sou / desta grã festividade"[31].

Nestes poemas, como nos que citarei a seguir, normalmente a linguagem é mais direta, aparecem tropos em menor quantidade e os metros

---

L. Strappini, *La tragedia del buffone. Percorsi del comico e del tragico nel teatro del XVII secolo*, Roma, Bulzoni, 2003.

[29] Matos, *cit.*, I,p.447.

[30] *Id. ibid.*, I, p.485 e 491.

[31] Coronista, ou seja cronista: palavra que aparece no Bluteau (vol.2, p.618) como "historiador, que escreve cronicas"; a crônica por sua vez é "historia, em que se contam os sucessos cõforme a ordem dos tempos". O dicionário de Bluteau é disponível online, em http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1.

escolhidos são os tradicionais da medida velha portuguesa, a décima e o romance[32].

Além das festas, há os passeios, como um ao Rio Vermelho, outro ao Tororó, outro à Vila de São Francisco,

> Há cousa como estar em São Francisco
> onde vamos ao pasto a tomar fresco,
> passam as negras, fala-se burlesco,
> fretam-se todas, todas caem no visco.
> O peixe roda aqui, ferve o marisco,
> come-se ao grave, bebe-se ao tudesco,
> vêm barcos da cidade com o refresco,
> há já tanto biscouto como cisco [...][33]

Encontramos vislumbres da cidade nos poemas eróticos, onde frequentemente o poeta cita, ainda que não descreva, locais da cidade – como em

> Fui hoje ao Campo da Palma

ou

> Nenhuma Freira me quer
> de quantas tem o Desterro[34]

Enfim, evidentemente o olhar barroco de Gregorio, sensível ao movimento e à multidão, não se detém nos detalhes da cidade, mas percebemos que a percorre em toda sua extensão com olhar falsamente desatento e verdadeiramente amoroso, de jornalista (por vezes, parecendo um cronista – ou "coronista" – social) arguto e sensual[35], procurando cenas curiosas ou cômicas para descrever em poemas que, podemos imaginar, serão depois lidos ou declamados aos amigos em outras festas ou passeios.

---

[32] Sobre a métrica dos poemas gregorianos, imprescindível o texto de R. CHOCIAY, *Os metros do Boca. Teoria do verso em Gregório de Matos*, São Paulo, Editora da UNESP, 1993.

[33] MATOS, *cit*., II,p.1072.

[34] *Id. ibid*. I, p.585 e 654.

[35] Spina escreveu: "É por intermédio desses dois autores [Matos e Vieira] e dos cronistas da época que poderemos reconstruir fielmente o retrato da sociedade brasileira do século XVII" (*Id., Gregório de Matos, cit*., p.25-26).